

Guia

Porto Alegre
resiliente



PREFEITURA
PORTO
ALEGRE

GABINETE DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Foto: Ivo Gonçalves (PMPPA)



DESAFIO
PORTO ALEGRE
RESILIENTE

Índice

Prefeito Municipal de Porto Alegre – José Fortunati
Vice – Prefeito de Porto Alegre – Sebastião Melo
Secretaria Municipal de Inovação e Tecnologia – Maria Fernanda Bemúdez
Secretaria-Adjunta Municipal de Inovação e Tecnologia – Juliana Ibarra
Gerente do Projeto Porto Alegre Resiliente – Clarisse de Lima Abrahão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
Reitor – Carlos Alexandre Neto
Vice-Reitor – Rui Vicente Oppermann
Escola de Engenharia – Centro de Pesquisas e Estudos sobre Desastres no
Rio Grande do Sul (CEPED) - Luiz Carlos Pinto da Silva filho

FUNDAÇÃO ROCKEFELLER
Presidente – Judith Rodin
Vice-Presidente - Bryna Lipper
Vice-Presidente de Relacionamento – Michael Berkwitz
Gerente de Relacionamento - Aaron Spencer

CENTRO DE INTELIGÊNCIA URBANA DE PORTO ALEGRE - CIUPOA
Presidente – Tania Pires

EQUIPE TÉCNICA DESAFIO PORTO ALEGRE RESILIENTE
CRO: Secretário Cezar Busatto (SMGL/PMPA)
Vice-CRO: David Monteiro (ONG CIU POA)
Vice-CRO: Patrick Fontes (CEPED UFRGS)
Secretária Executiva: Clarisse de Lima Abrahão (Inovapoa/PMPA)
Assessor de Comunicação: Wagner Benitez (SMGL/PMPA)
Aaron Spencer (Gerente de relacionamento Fundação Rockefeller/POA)
Ana Carolina Lima (Estagiária)
Caio Ceccagno (Voluntário AL RS)
Daniel Tamashiro (Parceiro estratégico Accenture)
Hélio Oliveira (Sec Adjunto Gadec /PMPA)
Lara Rieth (Voluntária CEPED UFRGS)
Líncoln Moura (Parceiro estratégico Accenture)
Lindomar Constante (Gadec /PMPA)
Luís Carlos Pinto (CEPED/UFRGS)
Luís Henrique Pantaleão (CEIC)
Márcio Alex Cardoso (Gadec/PMPA)
Tânia Pires (ONG CIU-POA)



Resiliência e Transversalidade

4



Inteligente e Resiliente

5



Resiliência, colaboração e redes locais,
o aprendizado de Porto Alegre

6



Porto Alegre Resiliente
– Uma nova agenda

7



Histórico do Programa em Porto Alegre

10



Construção do Programa

12



Engajamento e Participação

13



Uma estratégia de resiliência
para Porto Alegre

21



Minha Cidade quer ser resiliente
– Onde buscar ajuda?

22



Resiliência e Transversalidade

Resiliência, no dicionário: capacidade de voltar ao estado de normalidade, especialmente após uma situação crítica e fora do comum. O termo se aplica a várias áreas do conhecimento humano. Vai da psicologia à administração pública. Exatamente do que tratamos aqui, no caso. A noção mais comum de resiliência é a ambiental, que se popularizou a partir dos anos de 1970, graças ao trabalho do ambientalista canadense C.S. Holling.

Curiosamente, mais ou menos na mesma época, Porto Alegre adotava para si um moderno conceito de resiliência, baseado na prevenção das cheias, com a criação de um cinturão de diques – e do famoso muro da Mauá – que até os dias de hoje protege a cidade de grandes catástrofes climáticas. Mas resiliência é muito mais do que isso, evidentemente. E a nossa capital levou o conceito para praticamente todas as áreas onde pudesse ser aplicado.

No atendimento a populações em situação de rua; no desenvolvimento sustentável; na saúde; no atendimento às crianças, desde o nascimento; na educação; na melhoria da qualidade de vida da população em geral. Enfim em todas as interações da administração pública municipal com a população.

Foi o que fez com que a nossa cidade viesse a ser reconhecida com o conceito de Smart City, uma das dez metrópoles mais inteligentes dentro de um universo de mais de 700 cidades. O segredo disso: transversalidade. Quando todos se unem em prol de um ideal, o resultado é a melhora nos índices de produtividade e mais qualidade no atendimento ao cidadão. É ser resiliente, na sua essência.

José Fortunati
Prefeito de Porto Alegre



Inteligente e Resiliente

O Gabinete de Inovação e Tecnologia de Porto Alegre, na sua missão de desenvolver políticas públicas nesta importante área, atua em diferentes eixos. Entre eles, o que trata das tecnologias sociais, que objetiva a melhoria da qualidade de vida da população, por meio de pesquisa, divulgação e apoio tecnológico de grupos, comunidades e organizações da sociedade.

O programa “Porto Alegre Resiliente”, cujo Guia apresentamos, é um produto deste trabalho e mostra como aspectos sociais relevantes para a comunidade, como a sua capacidade de estar preparada para crises e a recuperação frente a desastres, por exemplo, está alinhada ao desenvolvimento científico e tecnológico. E, igualmente, um exemplo da disposição da Administração Pública Municipal em investir na inovação e na tecnologia como componente de grande valor em sua estratégia de ampliação de serviços à população.

Também serve para reforçar as características que levam a nossa cidade a usufruir dos conceitos de Smart Cities, e que a colocou entre as dez cidades brasileiras consideradas mais inteligentes, num ranking entre 700 municípios com essas características. Da mesma forma, devemos ressaltar a maneira como sempre foi conduzido esse trabalho: com transversalidade, colaboração e compartilhamento entre vários órgãos da Prefeitura e instituições parceiras, levando a bom termo os desafios inerentes a um projeto de tamanha magnitude e repercussão social.

Portanto, estão de parabéns os vários grupos de trabalho que o trouxeram até aqui, produzindo um Plano de Resiliência local para o desenvolvimento de cada comunidade adequado às suas necessidades e desejos. E a leitura deste Guia, cujo objetivo principal é promover o compartilhamento da experiência adquirida pela prefeitura desde o início do Programa, contando a história e, principalmente, os resultados deste trabalho, com certeza, ajudará no entendimento de alguns aspectos que contribuem para fazer de Porto Alegre, cada vez mais, um excelente lugar para se viver e trabalhar, inteligente e resiliente.

Boa leitura!

Maria Fernanda Bermúdez
Secretaria de Inovação e Tecnologia de Porto Alegre



Resiliência, colaboração e redes locais, o aprendizado de Porto Alegre

Presencial ou virtual, toda interação social é próspera quando acontece em ambientes colaborativos e solidários, pois esses são condições chave para o desenvolvimento do empreendedorismo, da criatividade, da inovação e da solidariedade social.

Ambientes colaborativos são contagiantes e convergentes. Eles se formam com base na liberdade, na confiança recíproca, no diálogo, no respeito às diferenças, no compartilhamento de saberes e na prática da cooperação. E são nesses territórios de identidade, onde as pessoas realizam sua vida comunitária e onde historicamente tem-se constituído as redes de participação democrática que hoje nascem as redes locais de resiliência, percebidas nos diferentes territórios que conformam a cidade.

Cada território tem suas próprias características e se constituiu numa cidade dentro da cidade. Portanto, são igualmente diferenciadas, as características de cada uma das redes locais de resiliência e seus desafios, tendo em comum, o fato de serem redes de governança multi-autores, onde governo, comunidades, iniciativa privada e outros se mobilizam para realizar de forma colaborativa os diagnósticos, a identificação de oportunidades, as ações e os projetos em comum para a melhoria e o desenvolvimento de cada localidade.

São redes de colaboração que, na interação entre os saberes técnicos e populares, ampliam o conhecimento sobre o território, mapeiam seus ativos e passivos, desenvolvem a percepção de risco e cooperam para prevenir-se e superar fragilidades. É também na interação pessoa-a-pessoa dessas redes que se forja o espírito de pertencimento, o sentido de comunidade, a inteligência coletiva, o empoderamento cidadão e a inovação social.

Estas redes aproximam governos e comunidades, rompem as barreiras do setorialismo e dos saberes compartimentados. Desestimulam atitudes adversariais, rejeitam o partidarismo e as velhas práticas políticas, integrando diferentes conhecimentos. Desenvolvem a prática da co-responsabilidade, elevam a auto-estima, favorecem a solidariedade, fomentam o empreendedorismo e a ação conjunta para alcançar objetivos em comum de melhorias comunitárias.

Neste ambiente acolhedor e fértil de cada região, será gerado um plano local de resiliência, expressão do protagonismo das pessoas para o desenvolvimento de cada comunidade através de sua rede local de resiliência. Juntos, rede local e plano de resiliência representam o anseio das pessoas de retomarem a governança da cidade, de fazerem da cidade a expressão de seus próprios desejos, de liberarem as energias cidadãos e colocarem a multiplicidade dos saberes a serviço da cidade para que ela seja o melhor, mais seguro, inclusivo, sustentável e resiliente lugar para se viver.

Cezar Busatto

Chefe de Resiliência de Porto Alegre



Porto Alegre Resiliente – Uma Nova Agenda

Os centros urbanos abrigam, hoje, mais da metade da população mundial, agregada em torno dos grandes polos de tecnologia e inovação que configuram alternativas culturais, econômicas e de trabalho.

Os avanços tecnológicos e científicos, no entanto, não refletem necessariamente em melhora na qualidade das condições de vida nas cidades. Questões estruturais, sociais e econômicas, aliadas ao contexto das mudanças climáticas, ocupações humanas em áreas irregulares e degradação do ambiente urbano tornam as cidades mais vulneráveis a ameaças naturais e antropogênicas e à ocorrência de desastres.

Resiliência é a capacidade de indivíduos, comunidades, instituições, empresas e sistemas dentro de uma cidade de sobreviver, se adaptar e crescer, independentemente dos tipos de tensões crônicas e choques agudos que vivenciam.

Segundo a Organização das Nações Unidas, o risco de desastres em centros urbanos está relacionado a questões como o crescimento de populações e aumento da densidade urbana, governança debilitada, desenvolvimento urbano sem planejamento, construções vulneráveis, declínio dos ecossistemas e concentração de renda.

“Desastre. Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema.”

(Ministério da Integração Nacional)

Neste contexto, em que o conceito de resiliência torna-se indissociável da noção de cidade como local seguro, sustentável e cidadão, multiplicam-se iniciativas e tendências para auxiliar as cidades, seus governantes e pessoas na implementação de uma agenda para o avanço da resiliência urbana.

Porto Alegre, que mantém-se conectada às inovações e agendas atuais, identificou a relevância do tema e pautou a questão da resiliência no seu cotidiano. Duas campanhas, em especial, estão orientando a trajetória da Cidade na construção de sua estratégia de resiliência:

(1) O programa 100RC, da Fundação Rockefeller, que implementará, até o final do ano de 2015, uma rede internacional de cem cidades com planos de resiliência urbana elaborados através de um conjunto de metodologias desenvolvidas pelas próprias cidades com o apoio técnico, institucional e financeiro da Fundação.

(2) A campanha “Minha Cidade está se Preparando”, da ONU, que propõe o cumprimento de “Dez Passos Essenciais Para Construir Cidades Resilientes”. Esta campanha tem o caráter de recomendação, não havendo envolvimento direto da Organização das Nações Unidas na implementação de estratégias.

Dez passos para a construção de Cidades Resilientes

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), existem dez passos essenciais para construir cidades resilientes:

- 1 Estabeleça mecanismos de organização e coordenação de ações com base na participação de comunidades e sociedade civil organizada, por meio, por exemplo, do estabelecimento de alianças locais. Incentive que os diversos segmentos sociais compreendam seu papel na construção de cidades mais seguras com vistas à redução de riscos e preparação para situações de desastres.
- 2 Elabore documentos de orientação para redução do risco de desastres e ofereça incentivos aos moradores de áreas de risco: famílias de baixa renda, comunidades, comércio e setor público, para que invistam na redução dos riscos que enfrentam.
- 3 Mantenha informação atualizada sobre as ameaças e vulnerabilidades de sua cidade; conduza avaliações de risco e as utilize como base para os planos e processos decisórios relativos ao desenvolvimento urbano. Garanta que os cidadãos de sua cidade tenham acesso à informação e aos planos para resiliência, criando espaço para discutir sobre os mesmos.
- 4 Invista e mantenha uma infraestrutura para redução de risco, com enfoque estrutural, como por exemplo, obras de drenagens para evitar inundações; e, conforme necessário, invista em ações de adaptação às mudanças climáticas.
- 5 Avalie a segurança de todas as escolas e postos de saúde de sua cidade, e modernize-os se necessário.
- 6 Aplique e faça cumprir regulamentos sobre construção e princípios para planejamento do uso e ocupação do solo. Identifique áreas seguras para os cidadãos de baixa renda e, quando possível, modernize os assentamentos informais.
- 7 Invista na criação de programas educativos e de capacitação sobre a redução de riscos de desastres, tanto nas escolas como nas comunidades locais.
- 8 Proteja os ecossistemas e as zonas naturais para atenuar alagamentos, inundações, e outras ameaças às quais sua cidade seja vulnerável. Adapte-se às mudanças climáticas recorrendo a boas práticas de redução de risco.
- 9 Instale sistemas de alerta e desenvolva capacitações para gestão de emergências em sua cidade, realizando, com regularidade, simulados para preparação do público em geral, nos quais participem todos os habitantes.
- 10 Depois de qualquer desastre, vele para que as necessidades dos sobreviventes sejam atendidas e se concentrem nos esforços de reconstrução. Garanta o apoio necessário à população afetada e suas organizações comunitárias, incluindo a reconstrução de suas residências e seus meios de sustento.



Histórico do Programa em Porto Alegre

O desejo de fortalecer a resiliência da cidade não é um fato novo para Porto Alegre. A capital gaúcha, que já viveu dias de calamidade durante uma histórica enchente nos anos 40, reconhece nas águas do lago Guaíba sua fonte de vida e de constante atenção. Essa relação entre o Lago e a Cidade é indissociável e fundamental para a resiliência de Porto Alegre.

Reconhecida internacionalmente pela sua tradição de protagonismo cidadão, Porto Alegre foi cenário de importantes experiências de participação social, como a criação do Orçamento Participativo, em 1990, o nascimento do Fórum Social Mundial, em 2000, a criação de fóruns de segurança e de outras diversas experiências de rede e cidadania.

O V Congresso da Cidade aconteceu em 2011, coordenado pela Secretaria Municipal de Governança Local, SMGL, articulando todas as demais secretarias e setores da Prefeitura Municipal e envolvendo cerca de seis mil cidadãos porto-alegrenses.

Com o objetivo de promover a participação da juventude e diversificar os temas de discussão, criou-se, no Gabinete de Inovação e Tecnologia, Inovapoa, o projeto Na Boa em POA, que envolveu comunidades, organizações não governamentais, escolas, universidades, associações comunitárias, movimentos sociais e outros atores em um conjunto de atividades e intervenções diferenciadas.

Dentre diversas pautas de discussão proposta pelas comunidades e coletivos, uma era especialmente destacada pelo Gabinete de Defesa Civil, Gadec: a necessidade de fortalecer iniciativas comunitárias na prevenção e resposta a choques, estresses cotidianos e eventuais desastres.

Daquelas discussões, dentre outras proposições, surgiu um grupo de trabalho voltado a prevenção de riscos e qualificação de respostas a estresses e desastres em comunidades vulneráveis. O grupo apresentava caráter plural e transversal, envolvendo ONGs, universidades e serviços municipais diretamente relacionados ao tema.

Protagonizaram o processo a ONG CIU-POA (Centro de Inteligência urbana de Porto Alegre), o CEPED- UFRGS (Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e os já citados Gabinete de Defesa Civil, (Gadec), em sua vocação para o atendimento e a prevenção ao risco, a Secretaria Municipal de Governança Local, (SMGL), em sua relação com as comunidades e territórios e o Gabinete

de Inovação e Tecnologia, (Inovapoa), pelo caráter inovador e de fomento às tecnologias sociais relacionado.

Neste contexto, o ambiente em Porto Alegre era propício: havia uma necessidade, apontada pela participação dos cidadãos e havia uma rede buscando alternativas para resolver a questão. Estando a cidade mobilizada em torno de uma causa, a rede identificou, em junho de 2012, uma excelente oportunidade.

A Fundação Rockefeller, entidade norte americana voltada à promoção da educação, da saúde e da pesquisa em países em desenvolvimento iniciava um programa de apoio a projetos de resiliência urbana, lançando o Desafio 100 Cidades Resilientes, 100RC. Porto Alegre foi selecionada para o Desafio na sua primeira edição, juntamente com o Rio de Janeiro, sendo até o momento, as duas únicas cidades brasileiras a participarem do projeto.

Destaque-se que na elaboração da proposta vencedora, a equipe formada contou com um importante apoio técnico do professor Massato Kobiyama, naquele momento, pesquisador do Instituto de Pesquisas Hidricas (IPH-UFSC), que prestou valiosa consultoria ao grupo.

Necessidade + Rede + Oportunidade = Solução



Foto: Divulgação



Construção do Programa

Para execução do projeto na Cidade e atendendo às regras de participação no Desafio 100RC, a Prefeitura indicou um Chefe de Resiliência para coordenação geral. Foi igualmente montado um grupo de trabalho denominado Grupo Estratégico, que atualmente conta com 14 participantes atuando de forma horizontal e integrada na elaboração da estratégia de resiliência da Cidade. Este grupo atua diretamente sob o comando do Chefe de Resiliência e do Prefeito, balizado pelo Conselho Gestor.

O apoio dado pela Fundação Rockefeller às cidades selecionadas para participação no Desafio 100RC consiste em quatro ações:

- 1 Inserção da cidade numa rede internacional de resiliência
- 2 Disponibilização um conjunto de parceiros possíveis
- 3 Apoio técnico e científico para a elaboração da estratégia de resiliência
- 4 Apoio financeiro para o pagamento de um Chefe de Resiliência no período de elaboração da estratégia de resiliência (2 anos)

Desde o início, o Desafio Porto Alegre Resiliente teve por marcas a pluralidade de parceiros e a participação social. A tradição participativa de Porto Alegre, entretanto, apontava o caminho do trabalho em rede e a necessidade de agregar atores ainda não sensibilizados, ampliando o conjunto de partes interessadas, buscando novas Organizações Não Governamentais (ONGs), universidades, Indivíduos Não Governamentais (INGs), organizações do Poder Público Municipal e agregando também o empresariado da Cidade.



Engajamento e Participação

Conceitos fundantes: Representação, Participação, Colaboração, Territorialização

O engajamento de atores no Desafio Porto Alegre Resiliente é um processo contínuo e ocorre a partir de uma metodologia criada pela equipe Desafio Porto Alegre Resiliente para o projeto.

Buscando ampliar e diversificar a participação, foram identificados cerca de 500 atores sociais com representatividade no cenário porto-alegrense: empresários, pesquisadores, ativistas, lideranças comunitárias, delegados do OP, educadores, políticos, funcionários da Prefeitura Municipal e outros.

Estes atores, considerados partes interessadas estão envolvidos de forma direta ou indireta em diferentes instâncias de acompanhamento, participação, operacionalização e decisão do Desafio Porto Alegre Resiliente. Esse engajamento aconteceu a partir de uma metodologia na qual lhes foram atribuídos graus de força em questões como: interesse no projeto, tipo de disponibilidade em participar, influência política, influência social, influência econômica, conhecimentos que possui e poder decisório no projeto.

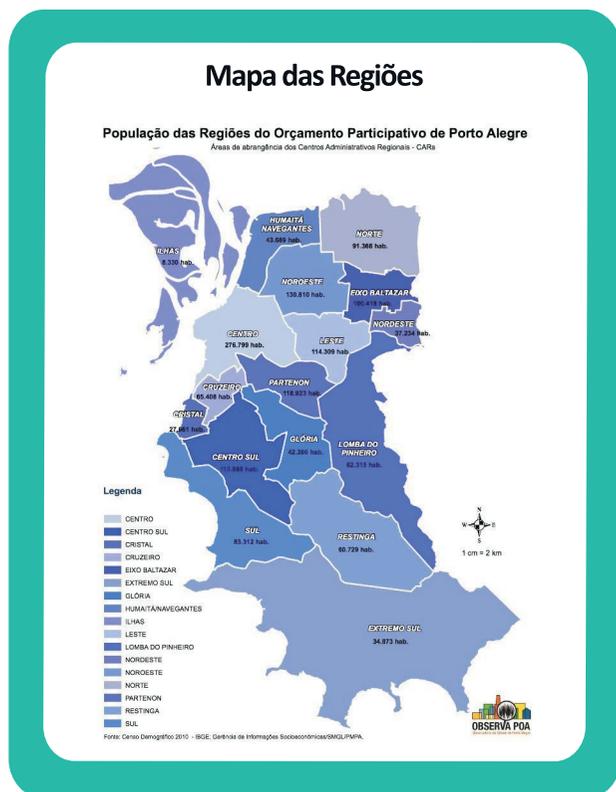
De acordo com seu perfil, às partes interessadas foram sendo inseridas nos diferentes espaços de construção do Desafio, que são:

Comunidades- Redes Locais de Resiliência

A articulação das comunidades partiu da organização da Cidade em 17 regiões administrativas, conhecidas como Regiões do OP (Orçamento Participativo), através das seguintes etapas:

1- Divulgando a boa nova: a resiliência como agenda! Utilizando-se da capilaridade administrativa de Porto Alegre, que conta com Centros Administrativos Regionais, a notícia da participação de Porto Alegre no Desafio 100RC foi levada pela equipe a cada uma das

dezessete regiões. Essa ação, posteriormente, mostrou-se fundamental para a adesão das comunidades ao Desafio, somada à boa percepção das lideranças que participaram daquele primeiro encontro acerca da composição plural da equipe que apresentava o projeto, agregando a Prefeitura, universidades e representantes da sociedade civil.



2- Redes Locais de Resiliência: Uma segunda rodada de mobilização comunitária avançou na construção de conhecimentos sobre resiliência e fortaleceu a compreensão dos participantes acerca da importância e do potencial do trabalho em rede na construção de soluções para os problemas e as necessidades locais. Redes locais de resiliência foram lançadas, por adesão, em todas as dezessete regiões, simbolizando o interesse na continuidade da ação e configurando a formação de um grupo de trabalho a participar das etapas a seguir do projeto.

3- Percepção de risco: a terceira rodada de encontros comunitários teve por objetivo instrumentalizar as lideranças para a percepção de riscos e mapear os principais riscos do entorno comunitário. Um importante volume de informações técnicas foi aportado em cada região, considerando-se que na preparação dos encontros dessa rodada foram utilizados conhecimentos já levantados pelos órgãos municipais, por organizações da sociedade civil e pela universidade. A utilização de grandes mapas e a sinalização, por cores, dos riscos e oportunidades de cada região despertou forte interesse das comunidades e enriqueceu substancialmente o conjunto de informações a serem utilizadas na elaboração da estratégia de resiliência da Cidade.

4- Seminário das regiões: Encerrada a etapa de percepção de riscos em todas as comunidades, realizou-se um seminário com a participação de representantes de todas as regiões, da Fundação Rockefeller, da equipe Porto Alegre Resiliente e do Prefeito Fortunati. Este encontro teve por objetivos socializar os resultados do trabalho realizado nas regiões e estabelecer as relações entre as mesmas, de forma a construir uma agenda de Cidade.

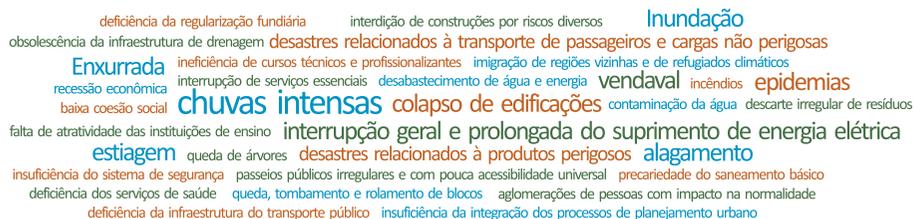
5- Ouvindo as comunidades: A partir da identificação dos riscos e oportunidades de cada comunidade, as lideranças foram convidadas a apresentar projetos e propostas que possam ser viabilizados através de pequenas ações em rede. São as chamadas vitórias rápidas, que animam as redes, resolvem questões menos complexas, mantêm as comunidades agregadas à causa, enquanto o plano de resiliência da região é elaborado. A estratégia de mobilização e de participação descrita foi criada pela equipe do Desafio Porto Alegre Resiliente, compondo o conjunto de tecnologias sociais desenvolvidas ou identificadas pelo projeto.



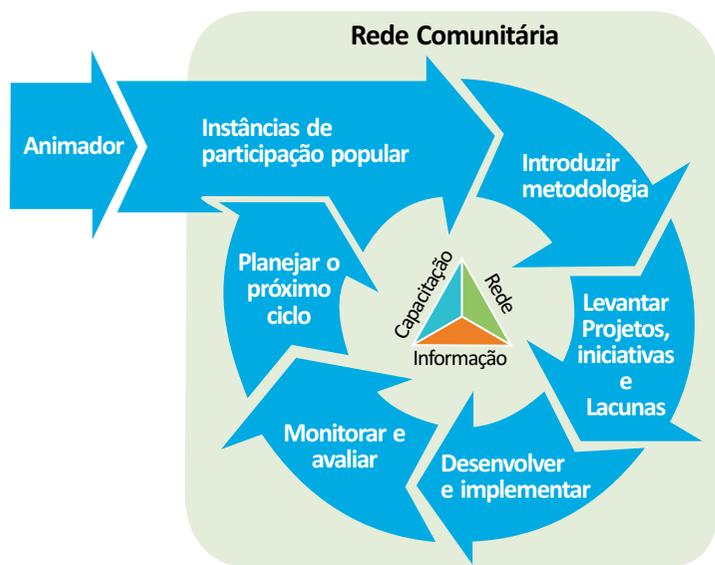
Foto: Arquivo InovaPOA

6- Criando um Plano de resiliência local: Cada uma das dezessete regiões da Cidade terá seu plano de resiliência local, elaborado a partir do mapeamento técnico, das informações aportadas pelas comunidades, dos projetos apresentados e das informações aportadas pela equipe técnica da Cidade.

Principais Riscos da Cidade



Esta etapa é permanente no projeto e pode ser melhor visualizada na imagem a seguir:



Prefeitura – Administração Pública Municipal

A larga abrangência do tema resiliência, somada ao trabalho específico de cada secretaria ou órgão municipal em sua área de atuação exigia o engajamento da população porto-alegrense e também de todos os setores da Prefeitura de Porto Alegre. Para tal, realizou-se a seguinte sequência de atividades:

1- A resiliência como agenda! A participação de Porto Alegre no Desafio 100RC foi divulgada às secretarias e órgãos da Prefeitura de Porto Alegre através de um workshop, com a presença da Fundação Rockefeller e no qual a resiliência foi definida como nova e fundamental agenda da Cidade.

2- Grupo de Trabalho da Prefeitura de Porto Alegre: Um grupo de trabalho composto por representantes das secretarias e órgãos municipais foi instituído pelo Prefeito, com o objetivo de garantir a participação de cada secretaria no processo e a circulação da informação entre todos os setores. Este grupo, que se reúne mensalmente, também deve aprofundar conhecimentos sobre resiliência, aportando os conhecimentos específicos de sua área de atuação no projeto e instrumentalizar a equipe técnica no trabalho com as regiões. Também é função deste grupo mapear ações das secretarias e identificar as que contribuem para com a resiliência da Cidade.

3- Lente da resiliência: A administração da Prefeitura de Porto Alegre está estruturada em doze programas de gestão, divididos em ações estratégicas. Contando com o trabalho dos gerentes de programa, essas ações foram analisadas, na perspectiva das qualidades da resiliência. Num passo seguinte, os projetos serão da mesma forma analisados e aqueles que forem identificados como mais relacionados à resiliência da Cidade, priorizados no próximo exercício da Gestão.

A resiliência permite um ciclo de gestão adaptativa, que considera os sucessos e fracassos, identificando as melhores experiências práticas e mais bem sucedidas a abordagens. Esses condicionantes são incorporados periodicamente para ajustar prioridades e abordagens, redefinindo a estratégia.

4 - Uma importante inovação está sendo inserida também no Orçamento Participativo da cidade, prática que oportuniza à população atuar na definição de uma parte importante do orçamento municipal. A partir do Desafio Porto Alegre Resiliente, as demandas eleitas no OP também serão submetidas à lente da resiliência. As ações identificadas como relacionadas à resiliência da Cidade deverão ser priorizadas. Esta inovação está em construção e deverá envolver delegados, gestores e coordenadores do processo.



As qualidades da gestão resiliente

- 1 Inclusiva:** A resiliência é um processo que deve envolver o mais amplo e diversificado conjunto de partes interessadas possível, incluindo os mais vulneráveis a choques e tensões, para garantir a transparência e a propriedade coletiva.
- 2 Integrada:** O fortalecimento da resiliência deve desenvolver e complementar esforços já em curso. em vez de ser duplicada ou conflitante, a resiliência deve ajudar as cidades a alinharem e alavancarem iniciativas e prioridades já existentes, juntamente com outras novas.
- 3 Robusta:** a resiliência deve ser desenvolvida através de um processo claro e rigoroso, que integra abordagens quantitativas e qualitativas comumente aceitas.
- 4 Engenhosa:** a resiliência deve ser construída considerando as limitações de recursos da cidade em mente, buscando opções inovadoras para superá-las.
- 5 Reflexiva:** a resiliência deve refletir periodicamente sobre os aprendizados e informações acumulados. Mecanismos que permitem avaliação contínua qualificam as cidades para tomar decisões baseadas nos conhecimentos acumulados e em experiências e informações em tempo real.
- 6 Redundante:** a resiliência deve garantir uma multiplicidade e diversidade de iniciativas para garantir que as cidades tenham as condições necessárias para lidar com as diferentes necessidades.
- 7 Flexível:** Por fim, a resiliência deve manter flexibilidade para acomodar acontecimentos imprevistos e mudanças no contexto: perigos, situações, dados, partes interessadas e outros.

Rede de Referências

Do conjunto de partes interessadas, destacaram-se trinta atores buscando equilibrar as representações entre sociedade civil, poder público, universidades e empresariado local, utilizando o critério de maior representatividade do ator para o grupo do qual faz parte, formando-se a Rede de Referência do Desafio Porto Alegre Resiliente.

Este grupo reúne-se a cada quatro meses e tem por função acompanhar, sugerir e validar processos, balizando o trabalho do Núcleo Estratégico.



Foto: Arquivo InovaPOA

Grupos por área-foco

Considerando a metodologia do Desafio 100RC, o trabalho a ser realizado no Desafio Porto Alegre Resiliente deveria partir da identificação de um problema complexo que considerasse desafios e potenciais da cidade, organizado a partir de áreas-foco.

A definição das áreas foco de Porto Alegre passou pela consolidação de um conjunto de informações coletadas nas diversas etapas de interação entre as partes interessadas, considerando-se que as mesmas poderiam estar diretamente correlacionadas aos pontos fortes e pontos fracos específicos de resiliência e/ou choques e tensões específicos.

Dessa forma, organizaram-se os seguintes grupos de trabalho:

1-Regularização Fundiária – Porto Alegre ainda conta com algumas comunidades instaladas em áreas irregulares, que apresentam risco ou alto risco, não oferecendo o con-

junto de condições necessárias à cidadania e exigindo breve solução. Existe na Cidade um grupo de trabalho inter-governamental que discute o problema, no entanto, os procedimentos para promover a regularização fundiária são considerados demasiadamente lentos e percebe-se a necessidade de maior envolvimento dos diferentes setores implicados nestes processos.

2- Diversificação da Economia da Cidade - Apesar de Porto Alegre estar entre as cidades com mais de um milhão de habitantes que possuem melhores condições de vida do país, Porto Alegre possui áreas deprimidas, que poderiam ser revitalizadas a partir de ações de economia criativa e propostas para alavancar vocações da cidade. É necessário fomentar e diversificar a economia e a cultura da inovação, promovendo o empreendedorismo e atrair novos investimentos, gerando novas oportunidades.

3- Bem Viver- Segundo os dados do Observa Poa, a maior parte da população de Porto Alegre conta com condições de vida entre razoáveis e muito boas. Há, no entanto, um contexto de desigualdades sociais em educação, saúde, acesso à cultura e oportunidades que exclui parte da população deste cenário e parece estar na base de situações de conflito e de violência. A solução para esta situação parece estar na resposta às perguntas “O que é e como se constrói a cultura da paz.”

4- Mobilidade Humana- Não existe consenso na Cidade acerca do conceito de um transporte público de qualidade. A cidade percebe a necessidade de atualização de sua última pesquisa OD (Origem-Destino), através da qual será possível atualizar o plano de mobilidade urbana e o plano diretor, além de identificar novos potenciais econômicos e necessidade de outros modais para a Cidade, bem como comunidades não devidamente atendidas.

Mas, e a questão do risco?

Um projeto de fortalecimento de resiliência está sempre diretamente relacionado à prevenção e redução de riscos. Dessa forma, pela importância do tema, no Desafio Porto Alegre Resiliente a questão dos riscos foi transversalizada em todas as áreas-foco



Uma Estratégia de Resiliência para Porto Alegre

A estratégia de resiliência de Porto Alegre está em construção, devendo, pela metodologia do Desafio 100RC ser entregue à Cidade até o final de 2015.

Para tanto, estão sendo seguidos passos, que podem ser utilizados por outras cidades que desejarem aderir à agenda da Resiliência. São eles:

- 1 Identificar desafios a serem vencidos e contextos a serem transformados na Cidade. (Áreas de risco, mobilidade urbana, desigualdades sociais)
- 2 Buscar oportunidades para contextos a serem transformados. (Edital Desafio 100RC da Fundação Rockefeller)
- 3 Engajar o maior e mais plural número de partes interessadas. (Comunidades, poder público, universidades, ONGs)
- 4 Determinar campos de trabalho. (Dezessete regiões de Porto Alegre- Redes Locais, GT PMPA, Rede Referência)
- 5 Capacitar para a percepção de riscos e levantar informações locais. (Aprofundamento de conhecimentos sobre as regiões, seus desafios e projetos)
- 6 Levantar informações técnicas. (Junto aos serviços municipais e universidades)
- 7 Cruzar conhecimentos locais com projetos e oportunidades locais identificados e com conhecimento técnico. (Plano de resiliência local)
- 8 Cruzar panoramas a serem transformados, informações locais, informações técnicas, parceiros e oportunidades das dezessete regiões. (Estratégia de Resiliência de Porto Alegre)

<http://www.100resilientcities.org>

New York Office
100 Resilient Cities
420 Fifth Ave, 19th Floor
New York, NY 10018
Tel. (646) 612-7203

Cidades Sustentáveis

<http://www.cidadessustentaveis.org.br/>
contato@cidadessustentaveis.org.br
Tel. +55 11 3894 2400
Rua Francisco Leitão, 469, conj. 1407
CEP 05414-020, São Paulo, SP – Brasil

Rede Mercociudades

<http://www.mercociudades.org/pt-br>
Secretaría Executiva: rrii@rosario.gov.ar
Secretaría Técnica: stpm@mercociudades.org

Rede ICLEI

<http://www.iclei.org/>
ICLEI World Secretariat: Kaiser-Friedrich-Str. 7
53113 Bonn. Germany
Tel. +49-228 / 97 62 99-00
Fax +49-228 / 97 62 99-01

Cidades Resilientes da ONU

<http://nacoesunidas.org/>
faleconosco@onu.org.br

CGLU

<http://www.uclg.org/>
info@uclg.org
Tel. +34 933 428 750 / +34 933 428 760
Carrer Avinyó, 15, 08002 Barcelona (Spain)

C40 CITIES

<http://www.c40.org/>
R. São Clemente, 360 - Morro Santa Marta,
Botafogo, CEP 22260-000
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

OIDP

<http://www.oidp.net/pt/inicio/>
oidp@bcn.cat
Tel. + 34 93 481 58 22
Avinyó 15 1a planta 08002 Barcelona (Spain)

Ministério da Integração Nacional

<http://www.mi.gov.br/>
Escritório Regional - RS (Defesa Civil)
Tel. (51) 3210-4220 / 3208-5602
Praça Marechal Deodoro, s/nº

Secretaria Nacional da Defesa Civil

Escritório Regional - RS (Defesa Civil)
<http://portoalegreresiliente.org/>
www.facebook.com/portoalegreresiliente
Tel. (51) 3210-4220 / (51) 3208-5602



Foto: Anselmo Cunha (PMPA)

Conselho Editorial

Carina Bernardi
José Paulo Eberhardt
Juliana Ibarra
Manolo Silveiro Cachafeiro
Maria Fernanda Bermúdez
Maria José Costa Rodrigues
Marilyn Parode

Edição

Paulo Cesar Flores

Produção de Textos

Clarisse Abrahão

Produção de Fotos

David Monteiro

Projeto Gráfico do Guia

Gabriel Feix